

IMPERADORES E USURPADORES

Por Andrea Bocconi

“As faces do poder” é um título absolutamente adequado, porque muitas são as faces. Não basta Janus de duas caras, talvez seja necessária uma daquelas divindades do Panteão indiano.

Ou talvez Proteu, o multiforme.

Quero elencar somente alguns temas, algumas contradições: sagrado-profano; obscuro-luminoso; legítimo-ilegítimo; respeitável-autoritário; saudável- patológico; feminino- masculino... poderíamos continuar indefinidamente.

1. Para simplificar escolhi em meu relatório a dupla: Imperadores – Usurpadores, ao qual acrescentarei um terceiro: Substituto.

Há quem possua um carisma pessoal que se exprime em qualquer manifestação de poder, em diferentes campos ou relações. É a personificação do princípio do poder, naturalmente reconhecido, por amigos e inimigos.

Há quem exercite o poder sem carisma e talvez sem motivação: faz o que tem que ser feito, sem identificação nem grandes emoções.

Há quem o evite: é exemplar o caso de um dirigente de empresa a quem a direção havia proposto uma posição de maior responsabilidade, ou seja, uma promoção: “eu sou forçado?”, perguntou aos desapontados proprietários; inútil dizer que não o haviam forçado, e escolheram outro.

O pobre Celestino V é um exemplo histórico da relutância em assumir o poder. O problema é que isto pode acontecer também por responsabilidades físicas, como as da paternidade, ou dos papéis educativos que devemos exercer.

Em um exercício de escrita de um curso do qual utilizava as cartas do tarô, ao tomar a carta “imperador” havia o pedido para contar a própria relação com o poder, através de histórias de ficção ou autobiográficas: pois bem, em todas as treze histórias dos treze alunos estes descreveram-se como vítimas do poder. Treze vítimas e nenhum carrasco. Ninguém que fosse identificado, ao menos experimentalmente, que exercesse o poder, bem ou mal.

Há que se observar a partir do papel: é o caso do poder por linha dinástica, no qual o vazio, quando não a indignidade, são observados atrás de uma presumida legitimidade dinástica. Nunca como neste caso o hábito não faz o monge e o blefe será cedo descoberto.

Esta é a usurpação moral. Os últimos Savóia são um exemplo.

Contudo esta vontade de Imperador e Imperatriz, em suma, de princípio de poder, arché, possuem profundas raízes no inconsciente coletivo.

Há uma história exemplar, a do filho de Zog, o último rei da Albânia: dez anos após tornar-se rei espalha-se a notícia de que visitaria Tirana; por toda a Albânia multidões se põem a caminho. Não obstante os tantos anos de regime comunista e também a breve duração do “reino de Zog”, a vontade de um princípio ordenador supremo permanecia intacta no inconsciente coletivo. O fato de que se tratasse na realidade de um homem de negócios que viveu toda vida na África do Sul, e era, portanto o menos albanês de todos, não impedia o sonho. Outro exemplo é o de Simeone da Bulgária que entrou na cena política pós-comunista como presidente, como a remendar um fio interrompido. Não se falava de monarquia por direito divino por acaso, não por acaso Elizabeth da Inglaterra, assim como o Papa, diz que do seu trabalho não se demite, e o filho permanece príncipe por sessenta anos.

Carisma é uma palavra misteriosa. Na Bíblia (do grego charis, graça, destina-se como dom: “cada um coloca à serviço dos outros o dom que recebeu, como bons administradores da graça de Deus” (I Pi. 4:10). Em sentido psicológico torna uma forte capacidade de influenciar os outros.

Às vezes o papel o cria: o sócia do imperador, um trapaceiro, adquire dignidade e consistência quando, substituindo-o em batalha, vê o sacrifício dos soldados para proteger sua vida (Kagemusha, a sombra do guerreiro, de A. Kurosawa).

Mas individualizar este dom nos outros é talvez mais fácil que defini-lo. E então proponho um jogo-teste: entre as duplas de personagens que lhes mostrarei, escolha sem pensar muito, quem é mais imperador. Não se trata de dizer quem nos agrada mais, quem utilizou melhor seu poder, quem é mais próximo dos nossos valores.

O jogo é um pretexto útil para assinalarmos quais são os critérios que determinam as nossas escolhas. Se de escolhas pode-se falar, porque escolher significa chegar a um ato de vontade depois de uma elaboração racional. Enquanto no poder carismático o que nos atrai pode chocar-se com a racionalidade, e fala a linguagem do inconsciente, que é sempre potente. Sabemos bem que existem níveis diferentes no inconsciente coletivo, assim como no individual. E que os níveis misturam-se e interagem.

Quem é o imperador?

Exemplos:

Hitler / Roosevelt

Michael Jacson / Elvis Presley

Marlene Dietrich / Greta Garbo

Fausto Coppi /Gino Bartali

Jung / Freud

Berlinguer / Veltroni

Robert De Niro / Dustin Hoffman

Alessandro Del Piero / Francesco Totti

Rita Levi Montalcini / Carlo Rubbia

Gandhi / Martin Luther King

Irene Pivetti / Nilde Iotti

Mina / Madona

Modigliani / Picasso

Cavour / Garibaldi

Dalai Lama / Wen Jiabao

Teresa di Calcutta / São Francisco

Manzoni / Tolstoi

Mozart / Beethoven

A pergunta que nos deveremos fazer é: quais critérios têm para distinguir?

1. O poder de uma personalidade egoísta, mas bem integrada, organizada em torno da subpersonalidade dominante?
2. O poder – função do eu desidentificado que utiliza os próprios recursos com a justa mescla de força, sabedoria e bondade?
3. O poder do Eu que reflete a Vontade transpessoal e universal.

Será interessante ver se quantitativamente há um racional acordo na percepção do poder carismático, e de qualquer maneira tornar conscientes nossos processos mentais. A mim parece claro que quem carrega em si o dom profundo do poder, fala aos outros no nível mítico, e de fato está muito ligado ao fato, frequentemente trágico. Existe por outro lado uma nota de profunda solidão. Quem serve não espera solidariedade e graça.